

## 3.º PRÉMIO (EX-AEQUO)

**Maria Irene Loureiro Lopes de Resende**

**Título:**

noturno no Alentejo - do lado do amor

**Texto:**

noturno no alentejo D O L A D O DO AMOR

Chegaram ao 'Passeio das Romeirinhas'. Ia alto esse Alentejo no verão. Era noite no litoral. E essa noite morava no sossego da encosta do castelo, senhora absoluta da paisagem toda lá para baixo. Reinando de lés a lés, e até para lá das luzinhas que se avistavam bruxuleantes como rendas que seguram um horizonte sem fim, afundava-se no silêncio denso do montado para vir respirar nos presépios que se abrigavam aqui e além e que têm carreiros que vão dar ao mar. Há muito que 'Cerromaior' dormia e o coração da noite continuava ainda a atrair a si o respeito de todas as coisas, batendo por elas como o deles os dois no modo como estavam um com o outro.

Falavam de mansinho, como se não estivessem ali. Baixinho, a começar da terra.

- Olha, tão bonito... não deixes de olhar, dizia-lhe ele. E tocava-lhe. Como se tivesse uma varinha mágica. Para lhe nascerem as mãos e os braços.

- Como isto é tão bonito e como nunca acaba... Escuta, ... escuta. Ouves? É o silêncio a dizer-se. Vem leve e carregado.

É a hora em que as árvores namoram no escuro e não se deitam. E por isso há estrelas no céu. Só para que alguém as veja, desde que se levante. Nunca viste um sobreiro sem outro sobreiro, ou um pinheiro sem outro pinheiro, ou uma oliveira, sem outras à beira. Ou uma azinheira que não esteja à espera; dá uma sombra que não é em vão. Estrelas no céu escuro são pérolas à solta com o desejo de mais explorar, liberdades amadurecidas rebentadas do seu colar. E tocava-a. Para lhe nascerem os ombros e o pescoço.

- Olha como este lugar nos leva a vista pela mão. Como somos levados de amor... sabes, aqui olha-se com demora, contempla-se. É onde o mais longe anda mais perto e só se vê tudo no modo de admirar. Maravilhamo-nos sem mais nada. Compreendemos que somos da natureza como do regaço da nossa mãe. Não deixes de olhar, não deixes. Olha a tua pele: tudo à sua flor, seguindo as pérolas do céu. E tocava-a. Para lhe nascer o rosto. Para lhe nascerem os olhos. Tocava-a, primeiro com o coração, no seu voo.

Nos olhos dela nascia uma paisagem feita só daquela voz. E somente daquele tocar. E daquela folhinha de oliveira, soprada no assobio de um maltês, que lhe veio cair no ombro a tremer. E também daquela aragem, e da insónia daquele cantar do galo, ao longe, e do cheiro a rosmaninho da vida nas quintas, no tempo das amoras. E do abraço dele que a estreitava, já completa.

Na noite cerrada dos seus olhos, onde não se podia abrir a luz de um sorriso, porque lhe fugia para as faces, passavam mechas do seu cabelo com que acendia agora palavras admiradas e maravilhadadas, como se pudesse falar tão bem quanto ele daquele noturno das 'Romeirinhas', como se pudesse também ela dizê-lo a alguém que nunca o viu, como se pudesse guardar dele o mais puro retrato para lá voltar outra vez.

Irene Resende

Lisboa, 14 de fevereiro de 2021

